

# *Tensões entre legitimidade e autenticidade nas publicações em inglês por doutorandas brasileiras*

Tensions between legitimacy and authenticity in paper publications in English by Brazilian doctoral students

*Rómima de Mello Laranjeira*

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

*Larissa Giacometti Paris*

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

**Resumo:** Na esteira dos Letramentos Acadêmicos e no contexto da internacionalização da educação superior, analisam-se, neste artigo, posicionamentos e estratégias de escrita acadêmica de cinco doutorandas brasileiras em relação à publicação de artigos científicos em inglês. Os dados analisados foram gerados a partir de duas pesquisas realizadas em duas universidades públicas do estado de São Paulo, com ancoragem teórica e metodológica na etnografia da linguagem. Os resultados apontam para tensões entre legitimidade e autenticidade no cenário atual de forte produtividade científica em inglês. Argumenta-se a favor de práticas de publicação em inglês alinhadas a uma diplomacia do conhecimento em ação.

**Palavras-chave:** Artigo Científico. Doutorandos. Escrita Acadêmica. Internacionalização. Letramentos Acadêmicos.

**Abstract:** Within the remit of Academic Literacies and higher education internationalization, this paper seeks to analyze the positioning and academic writing strategies of five Brazilian Doctoral students with regard to the publication of scientific articles in English. Data analysis was generated from two research projects carried out in two public universities from the state of São Paulo, with theoretical and methodological anchoring in the ethnography of language. The results reveal tensions between legitimacy and authenticity in the current scenario of strong scientific productivity in English. The final conclusion is that English publishing practices could be aligned with knowledge diplomacy in action.

**Keywords:** Scientific Article. Doctoral Students. Academic Writing. Internationalization. Academic Literacies.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

50

## 1. Introdução

A escrita acadêmica tem-se constituído recentemente, no cenário brasileiro, como um objeto de estudo cada vez mais especializado, resultando em um corpo de conhecimentos significativamente maior, seguindo assim um movimento que já acontece no contexto internacional, pelo menos, desde a década de 1980. São diversas as lentes teórico-epistemológicas que se debruçam sobre a escrita na esfera universitária, quer ao nível da graduação ou da pós-graduação, não havendo, portanto, uma produção de conhecimento alicerçada numa mesma epistemologia sobre a escrita, enquanto objeto de estudo e/ou de pesquisa.

Neste artigo<sup>1</sup>, ao assumirmos uma perspectiva teórica alinhada com os Letramentos Acadêmicos<sup>2</sup> (LEA; STREET, 1998), modelo apresentado mais adiante, pretendemos clarificar alguns aspectos específicos e demarcar esse posicionamento, no ensejo de contribuir para um maior rigor e sustentação teórico-metodológica dessa perspectiva. A característica fundamental dos Letramentos Acadêmicos, que o demarca das outras abordagens de escrita acadêmica, é ocupar-se das dimensões de poder, de identidade e de autoridade que permeiam a produção e a circulação dos gêneros acadêmicos, tendo a etnografia como teoria e método e os sujeitos como elemento central. Dessa forma, trata-se de uma perspectiva crítica cujo ensejo é captar a complexidade de relações entre sujeitos, instituições e textos.

Por sua vez, a internacionalização no Ensino Superior tem ocorrido de forma “crescente e descompassada” (ROCHA; MACIEL, 2018, p. 121). Nos últimos 25 anos, a internacionalização evoluiu de um patamar restrito para uma estratégia global e dominante, ocupando um papel central no universo científico-acadêmico (KNIGHT; WIT, 2018). Perante várias formas de se promover a internacionalização, a publicação de artigos científicos é aquela que mais explicitamente se relaciona com as práticas de letramentos acadêmicos (NOGUEIRA, 2018). Porém, no discurso da internacionalização, de acordo com Knight e Wit (2018), ainda que muito se fale sobre a mobilidade de pessoas e a parceria entre diferentes instituições ao redor do mundo, pouca atenção tem sido dada ao quesito da pesquisa e da publicação.

---

1 Agradecemos a leitura da primeira versão deste artigo realizada pelos integrantes do grupo de pesquisa “Escrita: ensino, práticas, representações e concepções”, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Salek Fiad.

2 Optamos por usar o termo “Letramentos Acadêmicos”, com as iniciais maiúsculas, nos trechos em que fazemos referência ao modelo teorizado por Lea e Street (1998) e, conseqüentemente, aos seus princípios. Quando a mesma expressão é escrita com as iniciais minúsculas (“letramentos acadêmicos”) estamos nos referindo às práticas de leitura e de escrita do contexto acadêmico-científico.

Concordamos com Rocha e Maciel (2018, p. 123), quando afirmam que se torna “relevante pensar em como as políticas, processos, práticas e discursos ligados à internacionalização afetam a universidade e as pessoas envolvidas e em como tudo isso é vivido e reconstruído na prática cotidiana dessa comunidade”. Nesse sentido, se, por um lado, os doutorandos são agentes dos processos de internacionalização, por outro, são afetados por tais processos (NOGUEIRA, 2018).

Dessa forma, julgamos pertinente analisar o modo como cinco doutorandas brasileiras de duas instituições públicas do estado de São Paulo reagem à imposição institucional da escrita de artigos científicos em língua inglesa, sendo esse o objetivo deste trabalho. Com base em Curry e Lillis (2016), entendemos a escrita acadêmica para publicação em inglês como uma prática social e, como tal, realizada em contextos sociais marcada por relações de poder.

O artigo começa por situar teoricamente a escrita de artigos científicos, a partir dos estudos de Letramentos Acadêmicos e do cenário de internacionalização atual. Em seguida, apresenta-se a metodologia que norteou a geração e recolha de dados das cinco participantes. Por último, a articulação entre as duas seções de análise, a primeira, sobre cultura científica e produtividade e a outra, sobre estratégias de escrita para publicação em inglês, produzem um argumento final: a importância de consolidar práticas de escrita para publicação em inglês mais perfiladas a uma diplomacia do conhecimento em ação (KNIGHT, 2019) e menos afeitas a uma mercantilização da linguagem no capitalismo tardio e neoliberal.

## **2. A perspectiva dos Letramentos Acadêmicos**

O artigo “Student writing in higher education: an academic literacies approach” de Lea e Street (1998), publicado na tradicional revista *Studies in Higher Education*, pode ser considerado o primeiro trabalho que sintetiza as principais abordagens sobre a escrita acadêmica empregadas naquele momento e que adota oficialmente a perspectiva dos Letramentos Acadêmicos.

No artigo referido, Lea e Street (1998) não têm como objetivo identificar os supostos “problemas” dos alunos em uma esfera individual, a partir de um modelo deficitário baseado nas habilidades de escrita. Ao investigar as práticas de letramentos acadêmicos no Ensino Superior, especialmente de alunos da graduação, os autores partem de

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

52

uma abordagem institucional mais ampla e consideram a complexidade de tais práticas. Desse modo, o conceito de Letramentos Acadêmicos é usado pela dupla de pesquisadores como ponto de partida para compreender as práticas sociais de leitura e escrita no contexto universitário.

Lea e Street (1998) chegam à conclusão de que as pesquisas sobre a leitura e escrita no Ensino Superior, as políticas institucionais das universidades e as práticas no ambiente da sala de aula partem de três perspectivas principais ou modelos: habilidades de estudo, socialização acadêmica e Letramentos Acadêmicos.

No modelo de habilidades de estudo, o letramento acadêmico equivale a um conjunto de habilidades de leitura e de escrita concebidas no âmbito individual e cognitivo (LEA; STREET, 2014). Os alunos devem aprender tais habilidades, sendo que elas são transferíveis para outros contextos. No entanto, tal como nos assegura Fiad (2013), não há como desvincular o letramento de seu contexto, já que as

práticas socioculturais de leitura e escrita ocorrem em ambientes/eventos tão específicos que não há como os sujeitos produzi-las sem que estejam inseridos nessas práticas e espaços, tanto como leitores quanto produtores dos gêneros solicitados (FIAD, 2013, p. 470).

Já no modelo da socialização acadêmica, a tarefa do professor é induzir, ou como o próprio nome sugere, socializar os estudantes na cultura acadêmica (LEA; STREET, 1998), havendo a aculturação dos alunos em relação a discursos e gêneros de determinados temas e disciplinas por um fenômeno de imersão. Lea e Street (2014) afirmam que a socialização acadêmica supõe que a cultura da academia é relativamente homogênea, quanto aos discursos disciplinares e aos gêneros. Esse modelo, portanto, não assume que as práticas de letramentos se relacionam à produção institucional dos significados, às suas representações e ao exercício de poder, tratando a escrita como um meio transparente de representação (LEA; STREET, 1998).

O modelo dos Letramentos Acadêmicos, aquele adotado por Lea e Street (1998; 2014), incorpora parte dos outros dois modelos em uma compreensão mais abrangente da natureza da leitura e da escrita, levando também em consideração as produções de sentidos, as práticas institucionais, as relações de poder e autoridade, a natureza contestada

das convenções de escrita acadêmica e ainda as questões identitárias e ideológicas (LEA; STREET, 2014). Logo, em comparação com os outros dois modelos, considera

os processos envolvidos na aquisição de usos adequados e eficazes de letramento como mais complexos, dinâmicos, matizados, situados, o que abrange tanto questões epistemológicas quanto processos sociais incluindo: relações de poder entre pessoas, instituições e identidades sociais (LEA; STREET, 2014, p. 479).

A perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, adotada neste artigo, tem como base a Linguística Aplicada e a Antropologia Social para a edificação de seu enquadramento teórico-epistemológico (LEA, 2017) e foi desenvolvida sob a égide dos Novos Estudos do Letramento<sup>3</sup> (NEL). Logo, o terceiro modelo, com base nos NEL, entende os letramentos como práticas sociais e situadas, o que implica contemplar a natureza social, cultural e contextualizada da escrita na universidade, conforme afirma Lea (2017). Assume, então, que o ensino-aprendizagem e a pesquisa sobre escrita acadêmica envolvem questões do nível da epistemologia e da identidade (LEA; STREET, 1998) e não somente do nível de habilidades homogêneas ou da socialização pela imersão em novos contextos institucionais.

### **3. Letramentos acadêmicos e diplomacia do conhecimento na internacionalização do Ensino Superior**

A internacionalização do Ensino Superior, tão em voga no contexto mundial, tem produzido importantes discussões ao nível do ensino, da pesquisa, da extensão, da cultura e da inovação científica, constituindo, por isso, um tema que tem merecido cada vez mais atenção (BORGES et al., 2018). Ainda que se trate de algo relativamente recente no Brasil, o conceito de internacionalização, a nível mundial, conta já com uma trajetória evolutiva significativa e com aplicações práticas diferenciadas ao longo do tempo, sendo possível falar de diferentes conceitos, abordagens e estratégias de implementação em contextos de constante mudança.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre os conceitos apresentados pelos Novos Estudos do Letramento, conferir Street (1984), Barton (1994) e Gee (2000).

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

54

Dessa forma, pensar a internacionalização do Ensino Superior, no momento atual, significa estabelecer relações entre pensamento científico, política científica e educacional e políticas linguísticas. Compreende-se, assim, que, ao se falar em internacionalização da ciência, não existe uma visão única, homogênea e neutra sobre o assunto, ainda mais quando ele esbarra em complexas redes de avaliação internacional das instituições de Ensino Superior (doravante IES), os conhecidos *rankings*.

Assim, no âmbito da pesquisa, quando se pensa em internacionalizar e divulgar em massa a produção e o conhecimento científico, (supostamente) pelo mundo inteiro, não se pode ignorar as questões políticas e ideológicas aí envolvidas (CURRY; LILLIS, 2019). Segundo Jesus (2018), as questões relacionadas à inovação, tecnologia e redes internacionais de pesquisa, presentes em processos de internacionalização, vão além do campo educativo e tangem a economia e a política. A autora ressalta que faz sentido internacionalizar quando é “um processo com vistas a inserir as instituições de educação superior no contexto internacional de um ponto de vista dialógico” (JESUS, 2018, p. 109), o que nem sempre ocorre. Nesse sentido, para ser um processo dialógico, as políticas linguísticas das universidades e dos Estados devem considerar diversos fatores, entre eles, “que línguas ensinar, em que línguas ensinar, que relações internacionais promover na produção e difusão de conhecimento” (JESUS, 2018, p.113).

Além disso, é sobejamente conhecida a relação entre a globalização da economia, fenômeno complexo e multifacetado, e seus múltiplos impactos na educação (CANCLINI, 2007; SIGNORINI, 2013). Ora, partindo desse princípio, os processos de internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras devem também ser compreendidos sob esse prisma, visto que as políticas, os objetivos e as estratégias para internacionalizar são, portanto, recontextualizações nacionais de práticas institucionais a nível global (KNIGHT; WIT, 2018). O assunto tem vindo a ganhar, por isso, maior visibilidade no campo do Ensino Superior brasileiro, seja ao nível da sua discussão ou de ações institucionais nesse sentido, a exemplo da criação do Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil, da CAPES (Capes-PrInt).

O objetivo do referido programa é atender à “necessidade de fortalecer a política de internacionalização da IES e Institutos de Pesquisa brasileiros, com foco em Programas de Pós-Graduação” e à “necessida-

de de se estabelecer e de se consolidar polos de excelência em termos de produção científica, tecnológica e acadêmica no Brasil” (BRASIL, 2017, p. 20). Segundo a nossa análise, as IES, principalmente aquelas com forte perfil de pesquisa, visam mudar o seu padrão internacional, buscar novas parcerias, consolidar e melhorar estratégias e práticas ao nível da produção técnico-científica a partir do aumento de parcerias em termos de publicação e da proficiência em inglês, entre outras medidas (vide Capes-Print da UNICAMP<sup>4</sup> e da USP<sup>5</sup>, entre vários exemplos disponíveis nas páginas de outras universidades contempladas com o programa).

A globalização e a mundialização da ciência brasileira ocasionam, por isso, desafios importantes para o campo da escrita e dos letramentos acadêmicos, nomeadamente em relação à produção e à circulação de gêneros acadêmicos que encontram também novas formas de (re) existir. Por isso mesmo, uma dimensão fulcral a considerar neste artigo é a ideológica e, logo, as relações de poder envolvidas e mediadas pela linguagem (e certamente pelas instituições acadêmicas).

Ao se investir um olhar para essas questões, fundado nos Letramentos Acadêmicos, na Sociolinguística Crítica e nos debates sobre internacionalização das IES, necessariamente se pretende compreender o papel da linguagem nesse contexto de produção científica em que o inglês é considerado a língua franca da ciência. Segundo a nossa visão, alinhada com a de vários pesquisadores (DUCHÊNE; HELLER, 2012; GARCEZ, 2018; KNIGHT, 2019; LILLIS; CURRY, 2010), trata-se de perceber o funcionamento desse “mercado linguístico” e como se estabelece esse domínio do inglês em contextos locais e periféricos. Dito de outro modo, é relevante perceber em que medida internacionalizar visa apenas alcançar uma métrica, *rankings*, impacto, *status* e/ou prestígio.

As relações econômicas entre sujeitos e recursos linguísticos estão postas em evidência quando falamos de internacionalização da ciência. Trata-se da linguagem como capital, isto é, como uma moeda de troca e um valor em si, como tão bem coloca Signorini ao afirmar que “a política linguística vai estar relacionada, sobretudo, à mais-valia, ou seja, ao valor econômico atribuído à dada língua enquanto recurso capaz de trazer vantagens competitivas (SIGNORINI, 2013, p. 81).

4 Informação disponível em: <http://www3.prpg.gr.unicamp.br/sites/print/> - Acesso em 20 fev. 2021.

5 Informação disponível em: <https://sites.usp.br/print/> - Acesso em 20 fev. 2021.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

56

Publicar em inglês confere, assim, prestígio e proveito, conforme afirmam Duchêne e Heller (2012). A Sociolinguística Crítica discute, de forma pertinente, essa visão da linguagem como elemento econômico. Por isso, por compreendermos os letramentos acadêmicos de pós-graduandos como situados nesse contexto de “surgimento de elementos discursivos que tratam linguagem e cultura primordialmente em termos econômicos” (DUCHÊNE; HELLER, p. 3), queremos entender as pessoas, as suas vivências e as respostas locais em meio às exigências da produtividade científica em inglês. Isso significa, desse modo, não ignorar os interesses políticos e econômicos envolvidos. Concordamos totalmente com Rocha e Maciel (2018, p. 125) quando pontuam que devemos lidar com “a complexidade que permeia esses processos, caracterizados por questões de natureza econômica, política, sociocultural, discursiva e identitárias, a partir de diferentes onto-epistemologias”.

Assim, argumentamos que os docentes universitários, os pesquisadores e/ou os pós-graduandos não se servem da língua, materna ou estrangeira, como mero instrumento de trabalho, ela é simultaneamente objeto e meio, constituindo um elemento da sua identidade e socialização acadêmica fortemente ligado à sua atuação profissional, o que permite compreender que na escrita transparecem escolhas e negociações, valores, crenças e atitudes (FIAD, 2013). Dessa forma, ao se impor, em muitos contextos, uma política monolíngue de publicação em inglês, importa perceber como diferentes pessoas se apropriam dessas práticas linguísticas, como (e se) escolhem participar dessa escrita em inglês, sabendo que se trata de uma certa lógica de mercado. A nosso ver, é importante construir um olhar em função dos sujeitos e das suas diferentes condições sociais, dos seus variados repertórios multilíngues, ou seja, considerar a internacionalização como prática social.

Quando ponderamos sobre a escrita para publicação em inglês no contexto brasileiro, tal como nos diz Garcez (2018), falamos de questões de distribuição no contexto de distribuição de capital, o que inclui o capital linguístico. O desafio parece estar nas mãos do pós-graduando que tem de gerenciar as políticas linguísticas e de internacionalização atuais, aprendendo ou reinventando práticas de escrita acadêmica em inglês, como modo de sobrevivência nesse mercado que já se estabeleceu. Segundo o nosso entendimento, é importante formar os alunos para tais demandas de forma situada, em função de competências, modos culturais e socialização acadêmica específicas, por exemplo, concre-

tizados por meio de ofertas de cursos, *workshops*, grupos de estudo e de leitura, alinhados às ações internas pensadas para a política de internacionalização e de pesquisa da universidade.

Esses exemplos de propostas são coerentes com o modelo dos Letramentos Acadêmicos e não partem do princípio que se trata simplesmente de ler e/ou escrever um texto usando determinado código linguístico, o inglês, no caso. Essa concepção de habilidades homogêneas, tão comum no campo da escrita acadêmica, é precisamente aquela contestada pelos Letramentos Acadêmicos. Escrever um artigo em inglês envolve, por isso, as dimensões ideológica, geolinguística e geopolítica da produção acadêmica em contexto global (LILLIS; CURRY, 2010), conforme será discutido adiante na análise de dados, o que demanda planejamento linguístico por parte das instituições de acordo com a política de internacionalização adotada.

Assim, uma visão da internacionalização, como prática local e integradora, permite superar e contrapor práticas de linguagem mercantis, se assim quisermos chamá-las. Para tanto, uma das visões acerca do conceito de internacionalização que importa articular com os estudos de letramento é aquela que Knight, entre outros autores (MIHUT; ALTBACH; WIT, 2017), apresenta em diversos estudos. A pesquisadora define sumariamente a internacionalização como um “processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural e global no propósito, funções ou resultados da educação pós-secundária”<sup>6</sup> (KNIGHT, 2003, p. 2, tradução nossa).

Em uma atualização recente sobre esse processo de internacionalização nas três dimensões citadas, a autora apresenta “uma nova perspectiva usando o quadro da diplomacia do conhecimento que enfatiza colaboração, reciprocidade e benefício mútuo, mesmo que diferente para os atores”<sup>7</sup> (KNIGHT, 2019, p. 6, tradução nossa). Fica patente, assim, a conceitualização da internacionalização como um processo de diplomacia em ação que exige estratégias de negociação, mediação e compromisso por partes das instituições e dos atores envolvidos. Contudo, há que salientar que essas estratégias não são definidas ou delineadas *a priori* no conceito apresentado, mas são criadas em função de motivações, planejamento,

---

6 No original: process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of postsecondary education.

7 No original: “a new perspective by using a knowledge diplomacy framework which emphasizes collaboration, reciprocity and mutual but different benefits for actors”.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

58

valores e resultados pretendidos, ao nível micro e meso institucional, e em relação dialógica com o contexto macro institucional e os parceiros globais (KNIGHT, 2019). Desta forma, acreditamos que o conceito pode ser operacionalizado a partir do modelo dos Letramentos Acadêmicos porque tem subjacente a ele as relações ideológicas e de poder entre parceiros nas instituições de Ensino Superior. Colaboração, reciprocidade e benefício mútuo constituem-se, assim, como categorias bastante válidas para problematizar as posições assumidas pelos participantes ao defenderem o uso do inglês como forma de valoração e visibilidade de seus escritos, conforme veremos adiante.

A discussão que empreendemos aqui sobre letramentos acadêmicos e internacionalização “está enquadrada em um entendimento de que ideologias de linguagem são modos de perceber as práticas de linguagem próprias e dos outros, e de agir e julgar as ações dos outros e próprias no que diz respeito às práticas de linguagem”, de acordo com Garcez (2018, p. 734). Vejamos, na seção seguinte, o contributo teórico e epistemológico da etnografia a esse respeito.

#### 4. Metodologia

Ainda que a etnografia tenha se edificado na Antropologia, passou também a ser empregada em outras áreas nas três últimas décadas, como é o caso da Linguística Aplicada no contexto brasileiro. Mais especificamente, nos estudos sobre as práticas de letramentos (e, em especial, a perspectiva dos Letramentos Acadêmicos), há uma forte orientação etnográfica (STREET; LEA; LILLIS, 2015). Seguindo tal tradição, ambas as pesquisas mencionadas neste artigo fizeram uso da etnografia como enquadramento teórico e epistemológico ao partirem do princípio que é no entrecruzamento entre os níveis de análise micro, meso e macro que se estabelecem relações de sentido interpretativas acerca das práticas sociais de leitura e de escrita<sup>8</sup>.

Considerando que as investigações sobre as práticas de letramentos analisam o uso social da leitura e da escrita de maneira situada, a etnografia caracteriza-se como uma metodologia apropriada para esses casos, já que possibilita que os papéis dos letramentos na vida das pessoas sejam investigados detalhadamente (BARTON; HA-

---

8 Para um maior aprofundamento acerca da etnografia no campo da Linguística Aplicada, conferir Garcez e Shulz (2015).

MILTON, 1998). Em outras palavras, uma perspectiva etnográfica pretende entender quais são as práticas de letramentos em que os sujeitos já estão engajados em determinado contexto, como é o caso da análise apresentada neste artigo. Portanto, Street, Lea e Lillis (2015) argumentam que fazer uso da etnografia para investigar práticas de escrita acadêmica tem como objetivo tornar visível a multiplicidade dos letramentos acadêmicos.

Ainda que seja necessário pautar-se em um quadro teórico que legitima a temática da pesquisa, para que o pesquisador não seja levado meramente pela curiosidade em compreender o comportamento humano ou ainda por palpites (HEATH; STREET, 2008), é importante ressaltar que a etnografia constitui-se como uma ciência indutiva (BLOMMAERT; JIE, 2010), na medida em que parte da evidência empírica para a teoria e não o contrário. Precisamente devido a esse aspecto que constitui a etnografia, a problemática do inglês como língua franca da ciência e a publicação de artigos científicos nessa língua emergiram na geração e recolha de dados com as participantes, ainda que esse tópico não estivesse previsto inicialmente nos objetivos específicos de ambos os projetos.

Neste sentido, os mesmos elementos sobre o inglês como língua franca da publicação emergiram nos dados das duas pesquisas realizadas em duas universidades públicas do estado de São Paulo, uma de doutorado e outra de pós-doutorado<sup>9</sup>, com participantes de diferentes áreas do conhecimento e com trajetórias acadêmicas também distintas. Essa particularidade nos revelou a necessidade de aprofundar a análise sobre a escrita para publicação em inglês e a internacionalização, práticas consolidadas no contexto em que essas participantes brasileiras realizavam suas pesquisas, bem como se trata de um tema de nosso interesse já abordado em outra publicação (PARIS; LARANJEIRA, 2019).

Os dados das duas investigações foram gerados no período entre 2017 e 2020, por meio da realização de entrevistas, diários de tese, conversas informais e nas histórias sobre os textos (LILLIS; CURRY, 2010). Os dados apresentados e analisados, neste artigo, correspondem a um

---

<sup>9</sup> Ambos os projetos foram aprovados no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de suas respectivas instituições. O primeiro, com apoio financeiro concedido pelo CNPq, foi aprovado pela Unicamp, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 84164218.5.0000.8142. O segundo projeto foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), ao abrigo do PNPd, no período entre 2017 e 2019, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com o número CAAE 14162918.2.0000.0084.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

60

recorte específico no *corpus* das duas pesquisas: a tematização, em entrevista semiestruturada, sobre o inglês como língua franca e as estratégias usadas para gerenciar as exigências de escrita de artigos científicos em inglês, resultantes da internacionalização.

A seguir, apresentamos os perfis de cada participante cujos dados serão analisados neste artigo. Os pseudônimos, visando manter o sigilo das identidades, foram escolhidos pelas próprias doutorandas. Pelo mesmo motivo, é indicada a informação da grande área do conhecimento à qual cada uma pertence, de acordo com a nomenclatura adotada pelo CNPq, ocultando o programa específico de pós-graduação. A análise não contempla uma discussão sobre questões de gênero e identidade das participantes em contraponto às práticas de escrita acadêmica em inglês porque os dados não são suficientes para estabelecer essas relações de forma adequada com a epistemologia e teoria do modelo dos Letramentos Acadêmicos. Há de se considerar, contudo, que são doutorandas na mesma faixa etária a frequentar programas avaliados em excelente e muito bom, todos pertencentes a universidades contempladas com o Capes-Print.

### Quadro 1. Perfis das participantes

Nome	Idade	Área do conhecimento	Qualis PPG	Bolsista
Clarice	31 anos	Ciências Biológicas	Capes 7	Capes
Maria	30 anos	Ciências Humanas	Capes 6	Fapesp
Michele	30 anos	Ciências Biológicas	Capes 7	Capes
Sofia	27 anos	Ciências Exatas e da Terra	Capes 6	Capes
Valente	29 anos	Ciências da Saúde	Capes 5	Capes

Fonte: Elaborado pelos autores

As próximas duas seções, de natureza analítica, versam sobre a prática da escrita acadêmica para publicação (CURRY; LILLIS, 2016) das participantes apresentadas. A primeira seção aborda a problemática da cultura científica e da produtividade e a segunda trata das estratégias utilizadas pelas doutorandas nessa referida prática.

## 5. Cultura científica e produtividade

A prática de escrita e de publicação de artigos científicos em inglês, para as participantes, está diretamente associada à questão da cultura científica contemporânea, que tem como um de seus elementos edificadores

o princípio da produtividade (BERG; SEEBER, 2016). As instituições acadêmicas, atualmente, priorizam a quantidade em relação à qualidade e o imediatismo em relação à maturação, tornando-se espaços altamente competitivos (JORDÃO, 2016). A esse respeito, concordamos com Piller e Cho (2013) ao apontarem que o modo como se dá a disseminação global das doutrinas neoliberais acaba naturalizando o inglês como a língua da competitividade global, inclusive no campo acadêmico-científico.

Vejamos, a seguir, o modo como Sofia, Michele, Valente e Clarice estabeleceram tal relação em seus enunciados.

### **Excerto 1**

**Pesquisadora:** E geralmente o pessoal do seu programa de pós, quando publica, é em inglês também? Ou eles publicam em português?

**Sofia:** Normalmente é em inglês.

**Pesquisadora:** Mesmo em revista brasileira ou nem tem revista brasileira?

**Sofia:** Eu acho que tem, mas o pessoal acaba publicando mais em... Em revista internacional. (Sofia)

### **Excerto 2**

**Pesquisadora:** Na sua área, é comum que a escrita seja em inglês?

**Michele:** 100%.

**Pesquisadora:** É? Já virou consenso que, se você for publicar, tem que ser em inglês?

**Michele:** É, tem que ser em inglês. [...]

**Pesquisadora:** Esse artigo está escrito em inglês?

**Michele:** Em inglês.

**Pesquisadora:** Você nem pensou em escrever em português?

**Michele:** Não existe, pelo menos assim, na minha área... Não existe a possibilidade justamente por isso, pelo Qualis, né, da revista, infelizmente, né, na minha área tem poucas revistas, pouquíssimas revistas brasileiras e as que tem é com o Qualis muito abaixo. (Michele)

### **Excerto 3**

**Valente:** A gente só tem uma revista de xxx brasileira com fator de impacto bom que é a A1, as outras são A2, com fator de impac-

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

62

to bem pequeno, então a gente vai tentar mandar para uma revista melhor e é americana, as duas revistas são americanas. [...]

**Pesquisadora:** E aí essa escrita acontece em inglês, mesmo quando o contexto da pesquisa é brasileiro? Por exemplo, você está pesquisando xxx aqui no Brasil.

**Valente:** Mesmo assim a gente escreve em inglês.

**Pesquisadora:** Mesmo assim escreve em inglês. [...] Você acha que, escrevendo em inglês, você vai ser mais lida?

**Valente:** Sim.

**Pesquisadora:** Você acha que sim?

**Valente:** Uhum. Com certeza. [...] A gente começou a perceber que a maior parte das boas pesquisas que eu poderia utilizar para referenciar meu trabalho não estava na Língua Portuguesa, estava em Inglês. (Valente)

#### **Excerto 4**

**Clarice:** É, então, as revistas, na verdade, é assim. O xxx, que é onde eu faço a pós, né, eles são bastante críticos com relação à revista que se publica porque eles querem que seja indexada... quanto maior o impacto, melhor. Então, nós, na verdade, optamos em termos de revista de xxx, elas, as revistas todas em si o impacto é em torno de 5. Não é muito alto.

[...]

Ah... eu n.. na verdade, é assim. Essa revista que nós publicamos ela é da [universidade]. Ela é internacional, todo o mundo publica, mas ela é daqui da sede da xxx.

**Pesquisadora:** Ah tá. Mas a publicação é obrigatória em inglês?

**Clarice:** Sim.

**Pesquisadora:** Ah ok. Mas é uma revista brasileira. Ou seja, é da xxx, mas a língua de submissão obrigatoriamente é em inglês?

**Clarice:** Isso. (Clarice)

Por meio da análise dos excertos apresentados, é possível afirmar que a publicação de artigos científicos na língua inglesa se coloca como uma premissa, pelas participantes, para se ter uma trajetória de sucesso e de reconhecimento na academia. Isso ocorre porque as políticas linguísticas atuais, que estão imbricadas nas políticas de internacionalização do Ensino Superior (ROCHA; MACIEL, 2018), impõem “o inglês

como o meio natural e neutro de excelência acadêmica<sup>10</sup> (PILLER; CHO, 2013, p. 24, tradução nossa). Naturalizou-se, então, que o inglês é o principal idioma de publicação (CURRY; LILLIS, 2016), sendo sinônimo de prestígio e selo de garantia de qualidade, ou seja, apresentando fortes benefícios para os pesquisadores. Logo, o que conta como ciência de alta qualidade é apenas o que está sendo divulgado nessa língua (“a maior parte das boas pesquisas [...] estava em inglês”), sem se problematizar o que isso proporciona ao contexto local ou sequer questões relativas à reciprocidade.

Há, como sabemos, uma expectativa ou exigência institucional, dependendo do programa de pós-graduação, para que os doutorandos publiquem em inglês, considerado a língua franca da internacionalização. Dessa forma, publicar em inglês traz também benefícios para a avaliação quadrienal do programa.

De acordo com Jordão (2016), a publicação em inglês se constitui como um dos pré-requisitos para uma instituição acadêmica alcançar a internacionalização. Sendo os doutorandos parte significativa da comunidade acadêmica, cabe a eles, também, essa tarefa. A autora ainda ressalta que o inglês é frequentemente associado a discursos sobre globalização, eficácia e políticas internacionais (JORDÃO, 2016). O programa de doutorado de Clarice, por exemplo, recomenda que se publique em revistas indexadas e de alto fator de impacto.

A questão do fator de impacto também parece se relacionar diretamente com a língua em que a revista publica os artigos. Os periódicos brasileiros citados pelas participantes – e que visam a internacionalização – têm como uma de suas diretrizes a submissão de artigos científicos na língua inglesa. Logo, além de ser uma premissa para o *status* do pesquisador, a publicação na língua inglesa é também uma premissa para o *status* da revista, uma vez que, quanto maior o fator de impacto, mais bem avaliado e desejado pelos pares é o periódico. Nesse sentido, “a ideia de internacionalização encontra-se vinculada a uma prática meritocrática, que promete e se volta à ascensão social por meio desse capital” (ROCHA; MACIEL, 2018, p. 123).

Considerando essa cultura científica que permeia a prática de escrita de artigos, as participantes das duas pesquisas nem chegaram a cogitar publicar em sua língua materna, o português. Torna-se evi-

---

10 No original: English as a natural and neutral medium of academic excellence.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

64

dente, portanto, que não há negociações nem reciprocidade acerca da escrita em inglês, isto é, não é uma escolha que pode ser feita pelos doutorandos que almejam publicar em periódicos de alto fator de impacto, tal como mostram os dados analisados por Paris e Laranjeira (2019), na área das Engenharias Elétrica e Eletrônica.

Embora o inglês possa ser visto como o suposto idioma neutro para se atingir a excelência acadêmica, é também uma imposição autocolonizante (PILLER; CHO, 2013) para os pesquisadores não anglófonos. É notório que a demanda da internacionalização e a consequente exigência da publicação nessa língua se constituem a partir de questões ideológicas e de poder instauradas institucionalmente na academia, as quais advêm de modelos de avaliação externos e supranacionais, pautados por lógicas de eficiência. Trata-se de uma clara valorização do *status* e do prestígio do inglês, apelidado de língua franca do campo acadêmico-científico, nas atuais políticas de publicação em periódicos, de acordo com o que já vem sendo afirmado por pesquisadores da Sociolinguística Crítica e da Linguística Aplicada (DUCHÊNE; HELLER, 2012).

Isso pode nos levar a duas principais reflexões: a circulação de pesquisas brasileiras no contexto local e a língua inglesa como fator de exclusão no campo acadêmico-científico.

Se a ciência que é relevante para a academia é somente aquela publicada em inglês, como acontece a divulgação das pesquisas em contextos locais e regionais (CURRY; LILLIS, 2016) cujos leitores não têm o inglês em seu repertório linguístico? Vivemos, ainda, em um país com grandes níveis de desigualdade social, sendo que a proficiência em inglês se constitui como mais uma das inúmeras barreiras que existem para o ingresso e para a permanência tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Ao continuarmos legitimando o inglês como única possibilidade no repertório multilinguístico da dita excelência acadêmica (PILLER; CHO, 2013), consolidamos ainda mais esse abismo social e a falta de reciprocidade na internacionalização das instituições e da pesquisa. Nesse sentido, a publicação de artigos científicos por doutorandos na língua inglesa acaba se constituindo como um fator que corrobora a perpetuação da elitização da carreira acadêmico-científica em nosso país.

## 6. Estratégias de escrita acadêmica para publicação em inglês

Em decorrência da cultura científica contemporânea que valida uma mercantilização da linguagem, duas estratégias de escrita acadêmica, para a publicação de artigos científicos na língua inglesa em periódicos de alto fator de impacto, têm sido utilizadas pelas participantes, conforme pode ser conferido nos excertos a seguir.

### Excerto 5

**Maria:** Eu acho mais fácil em certo sentido já escrever em inglês, porque se eu fosse fazer em português ia ter que traduzir muitos termos técnicos que nem...

**Pesquisadora:** Não tem tradução?

**Maria:** Não tem tradução e aí acho que ia ficar um texto meio truncado, assim. (Maria)

### Excerto 6

**Pesquisadora:** Você teve dificuldade de escrever em inglês?

**Michele:** Um pouco. Porque... principalmente porque a escrita é mais técnico-científica, né, então não é... eu acho que tem, assim, tem uma maneira de você escrever um artigo, não é da mesma forma que você escrever qualquer outra coisa, mesmo sendo no inglês, mas assim, é uma coisa que já está mais ou menos, já tem os moldes, né? Uma linguagem mais ou menos selecionada que você tem que usar, então eu achei um pouco difícil. (Michele)

### Excerto 7

**Pesquisadora:** Como que você começa a escrever o texto em inglês?

**Clarice:** Então, a minha estratégia é ler... assim... um... texto em inglês de uma revista, por exemplo, de um... trabalho com xxx... que já foi publicado e aí me basear naquele parágrafo para começar a escrever o meu texto.

**Pesquisadora:** Entendi.

**Clarice:** Então, é é é... eu... acabo assim. Claro que o meu texto em português, eu vou me basear nele porque é a minha tese, e tudo, mas eu procuro ver o jeito que é escrito em inglês pra começar a escrever o meu. Porque se eu fizer uma tradução, assim, direta-

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

66

mente do português, ach... que vai, acho que acaba ficando muito maçante então eu procuro me basear nos textos já em inglês.

[...]

Mas, assim, eu procuro não (pausa) fazer... ig... igual a nenhum texto que eu tenha visto, assim. Eu olho, eu leio vários, aí eu vejo mais ou menos a estrutura, como que é dito sobre aquilo. Por exemplo, eu leio sobre um tema: xxx. Então, assim, tem muitos termos técnicos que a gente não consegue mudar. Então, aí eu leio três textos que falam sobre aquilo, aí eu tento fazer um resumo e escrever da minha forma. (Clarice)

### Excerto 8

**Sofia:** Eu estava até conversando com uma amiga minha que faz doutorado e [...] ela falou que ela também acha mais fácil escrever primeiro em inglês porque... é aquela linguagem que você usa, tudo em inglês.

**Pesquisadora:** Já estão ali as referências que você vai utilizar em inglês e o nome do equipamento, do método, já é tudo em inglês?

**Sofia:** É, e também a estrutura, o modo como... ah, não sei, é diferente, você ver aquela referência, como eles usam interjeição, como, né?

[...]

Eu acho interessante, e agora eu estou tentando pegar mais artigos assim, mas eu acho interessante, tipo, ficar de olho no estilo de escrita, sabe? Nesse tipo de coisa, para ver o que eles [editores de uma revista] acham interessante pegar, sabe?

**Pesquisadora:** Sim, por exemplo, outros artigos que já foram publicados nessa revista?

**Sofia:** É, principalmente nesse mesmo assunto, sabe? [...] E ver tipo, como eles [autores] escreveram, que obviamente, eles [editores] acham interessante, né? Mas é meio difícil, assim. (Sofia)

A primeira estratégia observada em relação à escrita de artigos científicos na língua inglesa é a de evitar escrever primeiramente em português para depois traduzir para o inglês. Essa prática de tradução, na visão das participantes, torna o texto “truncado” e “maçante”. Dessa forma, há a percepção de que a tradução do português para o inglês pode não alcançar o que se espera que seja uma escrita acadêmica adequada nesse idioma.

As participantes, mesmo sabendo pouco (provavelmente) sobre teorias de escrita ou de escrita acadêmica como objeto de conhecimento, refletem a preocupação com a autenticidade do inglês. O texto em inglês não é uma mera transposição ou troca de código, de acordo com as “minhas” habilidades e competências em língua inglesa. A “estratégia de aproximação à escrita em inglês”, categoria que assim denominamos, vai acontecendo de forma um pouco impressionista, sem uma formação apropriada em que possam ser feitas escolhas críticas ao nível de pessoa, voz, argumentos, por exemplo. A ideia é evitar um texto “truncado”, sem saber talvez muito bem o que isso significa exatamente. A partir dos exemplos apresentados, percebe-se a ausência de colaboração (seja dos pares, dos(as) orientadores(as), das instituições) em contextos locais com políticas de internacionalização.

Em decorrência dessa primeira estratégia, a segunda diz respeito à escrita realizada diretamente na língua inglesa e se relaciona à especificidade da escrita em inglês no campo científico-acadêmico e ao seu caráter situado (CURRY; LILLIS, 2016). As doutorandas afirmaram que procuram se basear no “estilo” de escrita dos artigos científicos já publicados nos periódicos que pretendem submeter seus próprios textos. Dessa forma, nessa etapa do processo de escrita, os artigos são consultados não para leitura, produção de conhecimento ou pela sua qualidade científico-acadêmica, mas por causa da língua (e do código linguístico) em que foram publicados. Os textos-fonte, portanto, são usados como modelos que auxiliam a escrita acadêmica em inglês, visto não haver uma interlocução ou mediação mais formal entre pares ou com supervisores.

Essa segunda categoria, “o inglês como imitação”, representa a preocupação com a legitimidade para os avaliadores. Segundo Sofia, “é preciso encontrar “o que eles [editores] de revista acham interessante pegar” (...) E ver tipo, como eles [autores] escreveram, que obviamente, eles [editores] acham interessante, né?”. Contudo, Sofia conclui que “é meio difícil, assim”. Já Clarice parece optar, de início, pela paráfrase, quando afirma que gosta de se “basear naquele parágrafo para começar a escrever o meu texto”.

É neste âmbito da imitação que surge a fundamental preocupação com a autenticidade do texto. Como afirma Clarice, “(...) assim, eu procuro não (pausa) fazer... ig... igual a nenhum texto que eu tenha visto, assim. Eu olho, eu leio vários, aí eu vejo mais ou menos a estrutura, como que é dito sobre aquilo”. As questões éticas são natural-

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

68

mente óbvias para a doutoranda que procura estratégias de imitação que lhe garantam autenticidade em termos autorais, e legitimidade em termos linguísticos.

Embora não seja geralmente explicitado nas diretrizes de um periódico de alto fator de impacto, sabe-se que não é qualquer variante do inglês que é aceita como língua franca da ciência, mas sim a norma culta do inglês britânico ou estadunidense. A comunidade científica, não raro, trata o inglês como sendo supostamente neutro e instrumental, ao invés de uma língua marcada ideologicamente e que existe em territórios políticos (JORDÃO, 2016).

Segundo Jordão (2016), é comum que os periódicos utilizem critérios que se baseiam em um estilo local (advindo de países anglófonos) de escrita acadêmica em inglês, projetando-o como padrão universal para avaliar a qualidade do texto e da pesquisa. Na mesma linha, Curry e Lillis (2016, p. 18) afirmam que “variedades padrão de ingleses dominantes são usadas como critérios tácitos e explícitos para o julgamento de manuscritos de pesquisadores”. Os periódicos tomam como modelo uma idealização da língua, supostamente usada na escrita e na oralidade pelos “nativos”, sendo denominado por Jordão (2016) como um aspecto colonial da indústria editorial. Em rigor, é esta a visão apresentada pela doutoranda Michele, quando considera que o inglês é “uma linguagem mais ou menos selecionada” e uma “escrita mais técnico-científica”, ou seja, uma língua homogênea e neutra na qual não são necessárias grandes escolhas.

Entendemos que a segunda estratégia utilizada pelas participantes se constitui como uma prática que busca dar conta dessa dimensão oculta (STREET, 2009) da escrita de artigos científicos: a valoração positiva de um determinado tipo de inglês acadêmico usado para publicação (CURRY; LILLIS, 2016). As doutorandas, visando terem seus próprios textos aceitos para publicação, basearam-se no estilo de escrita em inglês dos pesquisadores que já tinham publicado, naquele contexto específico, e que obtiveram sucesso nessa empreitada. A autoria, portanto, relaciona-se também com o estilo da escrita acadêmica em inglês.

Fica evidente que as dimensões ocultas (STREET, 2009), que permeiam também o processo de internacionalização (NOGUEIRA, 2018), no que se refere à escrita acadêmica para publicação, relacionam-se ao fato de as práticas de publicação de pesquisadores estarem “implicadas em dinâmicas de poder global por meio de relações hierárquicas” (CURRY; LILLIS, 2016, p. 30).

Além disso, a análise dos excertos apresentados nesta seção revelou que o gênero artigo científico é constituído também pelas estratégias que respondem às expectativas institucionais para se publicar em inglês (CURRY; LILLIS, 2016), às relações de poder respaldadas pelo aspecto colonial da indústria editorial (JORDÃO, 2016) e às dimensões ocultas (STREET, 2009) dessa prática de escrita. A doutoranda Michele afirmou que “tem uma maneira de você escrever um artigo, não é da mesma forma que você escrever qualquer outra coisa, mesmo sendo no inglês”. Desse modo, a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo (BAKHTIN, 2011) do gênero se relacionam diretamente com essas outras nuances, as quais não devem ser desconsideradas durante o processo de escrita. Nesse sentido, produzir um artigo científico em inglês que, de fato, seja aceito para a publicação em um periódico de alto fator de impacto implica algum tempo de socialização acadêmica para compreender esses meandros e rituais menos explícitos.

A análise mostrou, como sabemos, que “os gêneros podem ser compreendidos, então, como enunciados produzidos na cadeia de comunicação humana: não existem isolados, mas em relação com os outros enunciados que os precedem e com os que os sucedem” (FIAD, 2013, p. 468). É nesse sentido que se torna produtivo pensar o gênero artigo científico em inglês se constituindo e se construindo numa cadeia de comunicação humana captada por meio de conversas cíclicas sobre os seus textos, fundamentais para desvelar algumas das dimensões escondidas da publicação em inglês.

## **7. Considerações finais**

Neste artigo, não defendemos a visão ingênua de que pesquisadores brasileiros não devam publicar seus artigos científicos na língua inglesa. A questão da internacionalização está posta e sabemos da importância de divulgar as pesquisas feitas no nosso país para os pares estrangeiros, desde que haja reciprocidade. Por esse motivo, criticamos o quase determinismo socialmente construído em relação à publicação em inglês: por que somente é válida a ciência produzida nessa língua? E ainda acrescentamos: somente o fato de um artigo científico ser publicado em inglês garante que o texto circulará, de fato, entre leitores internacionais? Acreditamos, portanto, que a publicação em língua portuguesa, e noutras línguas, deve ser mais valorizada, possibilitando que os artigos

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

70

circulem em contextos locais e regionais e por leitores com um repertório linguístico mais restrito, como é, inclusive, o caso de muitos docentes e discentes brasileiros.

Uma outra questão, que não está no escopo deste artigo, é o entrecruzamento entre os gêneros acadêmicos e suas línguas “de uso”. Com exceção de Maria, todas as outras participantes escreveram as suas teses em português, mas os artigos em inglês. Os artigos em inglês são, muitas vezes, de escrita individual, mas de autoria coletiva, o que afeta de forma positiva a produtividade dos coautores. As teses, por sua vez, representam o gênero produzido para se tornar “doutor”, mas não seguem os mesmos parâmetros. Nos casos em que assim acontece, a tese ser escrita em português e os artigos em inglês, retornamos à ideia de Garcez (2018) sobre o capital de distribuição e o capital linguístico não serem propriamente equivalentes, se pensarmos nos falantes que não têm o inglês como língua materna, ainda que o autor não se refira ao contexto acadêmico.

No seio das tensões entre legitimidade e autenticidade, é interessante considerar, conforme apontado, os três eixos simultaneamente presentes no conceito de “diplomacia do conhecimento em ação”: colaboração, reciprocidade, benefício mútuo (KNIGHT, 2019). Essas três categorias concorrem para informar as relações de poder que favorecem a manutenção da exclusão linguística em favor da lógica mercantilista da internacionalização, pelo uso predominante da língua inglesa e pela valorização excessiva da quantidade de publicações nessa língua. A ausência de mediadores de letramento, tradutores ou pares, como apontam Lillis e Curry (2016), é notória nos enunciados das participantes.

Ao pensarmos os letramentos acadêmicos, no contexto de internacionalização, como um conjunto de publicações entre falantes multilíngues com repertórios linguísticos variados, abre-se uma outra compreensão deste processo. O inglês deixa de ser a única franca possibilidade da ciência. Tal como Nogueira (2018, p. 961) coloca, a partir de Hyland e Bazerman, pode-se “afirmar que os processos de internacionalização são necessariamente vinculados a práticas de letramento acadêmico”, até porque, para que haja internacionalização, tem de haver comunicação (NOGUEIRA, 2018). Se mundializar, globalizar e internacionalizar a ciência brasileira é apenas publicar textos em inglês, então está simplesmente em causa uma política monolíngue de publicação que nada tem a ver com internacionalizar no sentido da inter/transcul-

turalidade e da diplomacia em ação. É, então, verdadeiramente um jogo de pontuação e ranqueamento, uma mercantilização das publicações científicas no contexto neoliberal.

Acreditamos ser mais interessante a articulação entre o conceito de diplomacia do conhecimento em ação (KNIGHT, 2019) e o ensino da escrita para publicação, com base nos Letramentos Acadêmicos, pelo enfoque colocado nas ideologias da linguagem e nas dimensões escondidas da publicação em periódicos científicos. Esse movimento de diplomacia significa desenvolver ações de colaboração, reciprocidade e benefício mútuo em termos de internacionalização, distantes, portanto, de visões monolíngues e/ou homogêneas acerca da escrita acadêmica, seja em português, em inglês ou em outras línguas. Deve-se, dessa forma, ao nível da escrita para publicação, em inglês ou em português, promover ações didático-pedagógicas mais situadas, nas quais os atores envolvidos construam as suas relações de sentido e os seus posicionamentos sem receios de falta de legitimidade e de autenticidade na escrita.

O modelo dos Letramentos Acadêmicos, ecologicamente situado e atento a práticas reais, configura-se, neste quadro, como uma franca possibilidade para o ensino da escrita acadêmica na pós-graduação. É necessário, a partir desse modelo, instituir práticas de internacionalização engajadas, diversas, críticas e não hegemônicas (ROCHA; MACIEL, 2018). Se pensarmos no momento político atual, resta-nos uma última pergunta: quais e como serão as políticas linguísticas e a internacionalização das instituições de Ensino Superior brasileiras, em um futuro próximo?

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford: Blackwell, 1994.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies: reading and writing in one community**. Londres: Routledge, 1998.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

Larissa  
Giacometti  
Paris

---

72

BRASIL. **Ministério da Educação**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria nº 220, de 03 nov. 2017.

BERG, M.; SEEGER, B. **The slow professor**: challenging the culture of speed in the academy. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

BLOMMAERT, J.; JIE, D. **Ethnographic fieldwork**: a beginner's guide. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

BORGES, B.; VERDU, F.; RADAEL, W.; IGARASHI, D.; SEGATE, F. A internacionalização da Educação Superior no Brasil: uma revisão sistemática. In: **Anais do II Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2018.

CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CURRY, M. J.; LILLIS, T. Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues. Traduzido por Raquel Salek Fiad e Flávia Miranda. In: FIAD, R. S. (Org.). **Letramentos acadêmicos**: contextos, práticas, percepções. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 11-64.

CURRY, M. J.; LILLIS, T. Problematizing English as the privileged language of global academic publishing. In: CURRY, M. J.; LILLIS, T. (Eds.). **Global academic publishing**: policies, perspectives and pedagogies. São Paulo: Telos/Bristol: Multilingual Matters, 2019, p. 01-20.

DUCHÊNE, A.; HELLER, M. (Eds.). **Language in late capitalism**: pride and profit. New York: Routledge, 2012.

FIAD, R. S. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 463-480, 2013.

GARCEZ, P. de M. Quem é estudante falante de português em famílias de origem brasileira em Toronto, Canadá? questões de classe. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 729-749, 2018.

GARCEZ, P. de M.; SHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n. especial, p. 1-34, 2015.

GEE, J. P. The New Literacy Studies: from 'socially situated' to the work of the social. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Eds.). **Situated literacies: reading and writing in context**. London/ New York: Routledge, 2000, p. 180-196.

HEATH, S. B.; STREET, B. **On ethnography: approaches to language and literacy research**. New York: Teachers College Press, 2008.

JESUS, P. C. S. G. de. **Política e planejamento linguístico para ciência e educação superior: possibilidades do multilinguismo para a produção e a difusão de conhecimento**. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205985>. Acesso em 10 fev. 2021.

JORDÃO, C. Decolonizing identities: English for internationalization in a Brazilian university. **Interfaces Brasil/Canadá, Revista Brasileira de Estudos Canadenses**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 191-209, 2016.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, n. 33, p. 2-3, 2003.

KNIGHT, J. Knowledge diplomacy in action. **Discussion paper**. London: British Council, 2019. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/sites/default/files/research-knowledge-diplomacy-in-action.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

KNIGHT, J.; WIT, H. de. Internationalization of Higher Education: past and future. **International Higher Education**, n. 95, p. 2-4, 2018.

LEA, M. Academic literacies in theory and practice. In: STREET, B.; MAY, S. (Eds.). **Encyclopedia of language and education: literacies and language education**. 3. ed. New York: Springer, 2017, p. 147-158.

*Tensões entre legitimidade e autenticidade nas publicações em inglês por doutorandas brasileiras*

---

73

LEA, M.; STREET, B. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-171, 1998.

Rómina  
de Mello  
Laranjeira

LEA, M.; STREET, B. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Traduzido por Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

Larissa  
Giacometti  
Paris

LILLIS, T.; CURRY, M. J. **Academic writing in a global context: the politics and practices of publishing in English**. New York: Routledge, 2010.

---

74

MIHUT, G.; ALTBACH, P.; WIT, H. de. (Eds). **Understanding Higher Education internationalization**. Insights from Key Global Publications. Rotterdam: Sense Publications, 2017.

NOGUEIRA, N. N. M.. Dimensões “escondidas” da internacionalização do ensino superior. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 18, n. 4, p. 951-982, 2018.

PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. M. Autoria e internacionalização na escrita acadêmica: análise da principal organização profissional das Engenharias Elétrica e Eletrônica. **Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 3, p. 752-773, 2019.

PILLER, I.; CHO, J.. Neoliberalism as language policy. **Language in Society**, v. 42, n. 1, p. 23-44, 2013.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Prática local e internacionalização do Ensino Superior. In: MACIEL, R. F.; TILIO, R.; JESUS, D. M. de; BARROS, A. L. E. C. de. (Orgs.). **Linguística aplicada para além das fronteiras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 121-142.

SIGNORINI, I. Política, língua portuguesa e globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Editora Parábola, 2013, p. 74-100.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. "Hidden" features of academic paper writing. **Working Papers in Educational Linguistics**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2009.

STREET, B.; LEA, M.; LILLIS, T. Revisiting the question of transformation in academic literacies: the ethnographic imperative. In: LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M.; MITCHELL, S. (Eds.). **Working with academic literacies: case studies towards transformative practice**. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015.

*Tensões entre  
legitimidade e  
autenticidade  
nas publicações  
em inglês por  
doutorandas  
brasileiras*

---

75

